



JOSÉ IBRAHIN

# UMA VIDA DEDICADA À LUTA DA CLASSE TRABALHADORA

**O**perário por vocação, José Ibrahin foi um homem que dedicou sua vida a luta da classe trabalhadora e para que o Brasil fosse, realmente, um país livre e democrático. Desde sua entrada na presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, ainda na década de 60, todas as suas ações foram fundamentais para se escrever a recente história política brasileira.

José Ibrahin fundou partidos políticos, organizou sindicatos rearticulando a base dos trabalhadores naquela época, antecipou conquistas, participou da luta armada militando na VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), foi preso, torturado e exilado pelo militarismo. Retornou ao Brasil e fortaleceu a luta pelas causas operárias, contribuindo na fundação de diversas entidades, entre elas a União Geral dos Trabalhadores (UGT), onde exercia a função de Secretário Nacional de Formação Política, central sindical na qual contribuiu para torná-la ferramenta fundamental na luta da classe trabalhadora brasileira.

Visionário das causas trabalhistas Ibrahin aos 21 anos organizou a comissão de fábrica, primeiramente como um aparelho clandestino até sua legalização, em 65, um ano depois do golpe que mergulharia o país numa ditadura militar que durou 21 anos (de 1964 a 1985). “Meu negócio era a fábrica”, enfatizou José Ibrahin durante entrevista para um documentário lançado em 2011.

Em 1968, depois de comandar a primeira grande greve trabalhista pós-golpe militar de 64, José foi deposto da presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco graças a uma intervenção do governo, foi demitido sem direitos da empresa Cobrasma, entrou para a clandestinidade sendo articulador da VPR. Foi preso em 02 de fevereiro de 1969 e permaneceu encarcerado até setembro do mesmo ano, quando foi libertado, juntamente com outros 14 presos políticos, pela ação revolucionária que culminou com o sequestro do embaixador norte americano Charles Burke Elbrick.

“Fui muito torturado, como era de praxe naquela época. Ainda mais que além do negócio da greve e da ocupação das fábricas, eu fui preso dentro da estrutura da VPR”, relatou Ibrahin a um site que contou sua história de luta.

Ibrahin viveu 10 anos no exílio e constituiu família fora do seu país de origem. O Sindicalista passou por países como: México, Cuba, Chile, Panamá e Bélgica.

Mesmo no exílio, a perseguição e o receio quanto às atrocidades praticadas pela ditadura



ÉPOCA DE APRENDIZ NA COBRASMA

militar eram presentes, tanto que para fugir da ditadura chilena, José e sua então companheira Tereza Cristina Denucci Martins foram obrigados a invadir a embaixada panamenha, país onde em 1973 nasceu seu primeiro filho Carlos Ibrahin. “Minha mãe faleceu em 2011. Mas com certeza foi seu grande amor e o período do exílio foi o mais feliz das nossas vidas”, conta Carlos.

Já na Bélgica o brasileiro fundou a Casa Latino Americana, órgão ligado a ONU, que tinha como objetivo dar suporte aos exilados das ditaduras da América Latina. Além de ser um dos grandes líderes da resistência feita a partir do exílio, o que foi fundamental para o sucesso das



HISTÓRICA FOTO DE JOSÉ IBRAHIN QUE, JUNTAMENTE COM OUTROS PRESOS POLÍTICOS, FORAM LEVADOS PARA O EXÍLIO APÓS O SEQUESTRO DO EMBAIXADOR AMERICANO CHARLES BURKE ELBRICK, EM 1969.

greves que ocorreram em 1979, no ABC.

Como nunca se desligou da articulação com os movimentos revolucionários de enfrentamento ao regime militar, seu retorno ao Brasil foi conturbado, em 1979, meses antes do decreto de anistia. Seu voo não teve permissão de desembarcar em São Paulo, sendo remanejado para Campinas. Em Viracopos Ibrahin fora detido novamente, contudo as cinco mil pessoas que o aguardavam no aeroporto não permitiram sua prisão.

Já com a promulgação da anistia, José Ibrahin ajudou na fundação de importantes entidades de representação da classe trabalhadora como: Central Única dos Trabalhadores (CUT), a Social Democracia Sindical (SDS) e Força Sindical, onde exerceu a função de diretor de Relações Internacionais.

Sua atuação Internacional contribuiu no relacionamento com organismos sindicais de todo o mundo, inclusive na participação efetiva na Organização Regional Interamericana de Trabalhadores (ORIT) e na Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres (CISOL). O Sindicalista participou por vários anos como membro da delegação oficial do Brasil nos congressos da Organização Internacional do Trabalho (OIT), onde toda a política de relações do trabalho são debatidas de forma tripartite entre governo, trabalhadores e empresário, buscando mudar o rumo e destino da classe trabalhadora. Atuação Brasileira



Assim como participou da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), como 1º Secretário Geral. Em 1985 migra para o PDT ao lado de Leonel Brizola e posteriormente passa a militar no PV. Sempre lutando em prol da classe trabalhadora foi mentor, junto ao Dom Cláudio Hummes, de projetos sociais para a inserção social e efetivas contratações do trabalho formal. O sindicalista fundou e/ou participou de diversas entidades e associações ligadas ao mundo do trabalho, como o CEAT (Centro de Atendimento ao Trabalhador), entre outras. Sua atuação foi

extensa e nos últimos meses o diretor estava representando a UGT na Comissão Nacional da Verdade, entidade da sociedade civil incumbida de analisar, pesquisar e divulgar os documentos secretos do período da Ditadura Militar brasileira. Como grande articulador, José Ibrahin, juntamente com dirigentes da UGT, estava na formação do PSD Movimentos, braço sindical do Partido Social Democrata (PSD) ligado aos movimentos sociais e a organização da classe trabalhadora. É impossível resumir a vida de José Ibrahin em poucas páginas, sua



AO LADO, NA FUNDAÇÃO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT).  
ACIMA, NA VOLTA DO EXÍLIO, IBRAHIM AJUDOU NA REORGANIZAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA

participação na conquista da democracia, melhora e manutenção dos direitos dos cidadãos esta muito além do que foi dito, tem que se estudar a história desde seu ingresso nas comissões de fábrica quando ainda menino começou e analisar cada passo até os dias de hoje, onde nunca parou, sempre buscou em cada ação ao longo da vida a melhora para nosso país e para o mundo. Foi um incansável professor e nós, muitos alunos, que tivemos o privilégio de conviver com ele, sabemos dos valores que nos agregou.

## A HISTÓRICA GREVE DE 68

**O** ano de 1968 entrou para os livros de história política como o período em que eclodiram manifestações em diversas partes do planeta. Esse período pode ser considerado como um ponto de referência para os movimentos sociais e de organização da classe trabalhadora.

Setores importantes da sociedade se mobilizavam em diversos países, na Checoslováquia, houve a Primavera de Praga; nos Estados Unidos os movimentos eram contra o racismo e a guerra do Vietnã; na França, a ação conhecida como Maio de 68 buscou novos valores políticos, sociais e sexuais. Essas ações se refletiram e inspiraram movimentos no mundo todo.

No Brasil, desde o golpe militar de 1964, a liberdade dos cidadãos passou a ser cercada com violência. O movimento sindical enfrentou grandes dificuldades para se manter organizado, uma vez que havia repressão fortíssima, intervenção nas entidades, prisões, cassações de direitos como: negociação salarial entre patrão e empregado, Lei de Greve, fim da estabilidade e censura prévia.

José Ibrahin antecipou lutas rearticulando a



SUA CORAGEM REPRESENTOU MAIS DO QUE UMA AÇÃO SINDICAL E SIM UMA AFRONTA AO REGIME MILITAR



classe trabalhadora e montando a primeira organização de fábrica brasileira, que um ano depois do golpe, em 1965, conseguiu ser legalizada. “Definimos que o caminho contra a ditadura era a retomada da democracia, passando pela retomada do nosso sindicato. Nessa perspectiva conseguimos organizar a primeira comissão de fábrica que existiu no país – a da Cobrasma”, explica Ibrahin em entrevista para o Especial 1968 – Anos de Chumbo.

Com a vitória da chapa verde, em 1967, José Ibrahin foi empossado presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco.

Um ano depois, em 16 de junho, a greve que começou na Cobrasma, tomou dimensões que ultrapassaram os muros da fábrica. Logo após as 08 horas da manhã, a sirene que tocou anunciando o início da paralisação. Por volta das 14

horas, na troca de turno, a Lonaflex aderiu à manifestação, se estendendo para outras empresas, marcando a história do sindicalismo brasileiro por ter sido o primeiro grande movimento trabalhista durante o regime militar.

Nesse dia aproximadamente 16 mil trabalhadores e trabalhadoras cruzaram os braços, na Cobrasma os trabalhadores permaneceram ocupando as dependências da fábrica enquanto a direção do sindicato tentava ganhar tempo contra a repressão que acabou transformando a região de Presidente Altino numa praça de guerra, invadindo a fábrica e obrigando os trabalhadores a deixarem o local.

Durante entrevista à revista Memórias de uma História de Lutas, José Ibrahin conta como a greve de 1968 serviu de referência não só para a organização da classe trabalhadora, mas tam-

bém para os movimentos de ação revolucionária que enfrentaram o militarismo. “Na época, o movimento sindical precisava brigar pela resistência contra a ditadura, pela democracia. Esse foi o grande legado”, esclarece Ibrahin.

“Em 68, o Brasil vivia refém da ditadura militar, então esta foi uma greve que ultrapassou as barreiras das reivindicações trabalhistas e foi um desafio ao governo vigente, tanto que após a greve muitos dos trabalhadores entraram para a clandestinidade e para a luta armada”, explica Jorge Nazareno, presidente atual do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e Região.

Coincidentemente, o ano de 68 terminou com a promulgação, em 13 de dezembro, do Ato Institucional nº 5 (AI5), que mergulhou o Brasil no período mais violento e perverso da ditadura militar.

## DEPOIMENTOS

**Domingos Fernandes Comitê de sustentabilidade da UGT** - Conheci o Ibrahin em 1974, quando eu saí da Argentina e fui viver em Portugal e o Zé já estava na Bélgica, eu sempre ia à Paris para visitá-lo.

Nesse ano, quando Ernesto Geisel assumiu a presidência a gente visualizou que o processo de democratização era inevitável, sabíamos que iria chegar antes do final da década de 70. E o Zé teve um papel importante nesse processo, pois foi o principal articulador da chamada oposição sindical, tudo isso bem antes de 1978, quando houve o movimento grevista de São Bernardo.

Se pudéssemos fazer um paralelo, a greve de 68 teve para o movimento armado de resistência a ditadura a mesma representatividade que a greve de 78 teve para ao processo de redemocratização do país.

**Enilson Simões de Moura (Alemão), vice-presidente**



ABAIXO, NA VOLTA DO EXÍLIO, CERCA DE CINCO MIL PESSOAS AGUARDAVAM IBRAHIN NO AEROPORTO DE VIRACOPOS, EM CAMPINAS



**da UGT** - Conhecemos-nos por conta das ações que já desenvolvíamos aqui no Brasil de enfrentamento a ditadura militar. Ele foi para o exílio e eu fiquei clandestino aqui, mas sempre acompanhando a sua trajetória, por onde ele estava e o que estava fazendo até a chegada a anistia.

Anistiado ele retomou a sua militância aqui no Brasil e nós começamos a trabalhar juntos, primeiramente, na formação da força sindical, onde o Zé foi Secretário de Relações Internacionais, mesmo cargo que desempenhou na CUT (Central Única dos Trabalhadores).

Naquele momento, ele era a pessoa mais preparada do movimento sindical brasileiro a ocupar esse cargo, pois o José Ibrahin dispensava apresentações. Ele era muito conhecido tanto dentro quanto fora do Brasil.

Posteriormente, ele veio para a UGT onde ele desempenhava um papel muito importante, pois sua real intenção era ajudar a construir a central dando orientações e articulando o desenvolvimento e o crescimento da central. Mesmo trabalho que desenvolveu para a construção do PSD Movimentos, no Partido Social Democrático.

Para as próximas gerações o Zé deixará o legado do desprendimento, da coragem, da fé que ele tinha nos trabalhadores como principais agentes de mudança da sociedade brasileira. Literalmente, o José Ibrahin foi um herói Brasileiro.

**Ricardo Zarattini** - Fico muito sentido em ter que falar de Ibrahin, pois um mês antes da sua morte, estivemos juntos numa festa que fiz para celebrar meus 60 anos de militância, a gente só não chora mais, porque já derramou muitas lágrimas ao longo da vida.

Na época que nos conhecemos eu o chamava de Ibra ou Peninha, porque ele era muito magrinho. Eu já o conhecia antes de sermos

libertado no sequestro do embaixador americano. Ele era uma liderança sindical que surgiu 10 anos antes da criação do novo sindicalismo, que ocorreu durante as greves do ABC, onde surgiu o Lula. O Zé poderia ter sido um Lula de 68 se não fosse o radicalismo da ditadura militar, principalmente, depois que foi promulgado o AI5 (Ato Institucional nº 5).

A greve dos Metalúrgicos de Osasco representou mais do que uma ação sindical, pois teve um papel importante para o movimento de resistência a ditadura, porque a partir daquele momento soubemos que tínhamos sim o apoio do povo.

Nós vivemos na clandestinidade e fomos presos por conta da inexperiência, pois tínhamos muito contato com o pessoal da superfície, ou seja, considerávamos os companheiros da



EM CUBA, OS PRESOS POLÍTICOS BRASILEIROS SÃO RECEBIDOS PELO PRESIDENTE FIDEL CASTRO



IBRAHIN PRESTIGIA AMIGO ZARATTINI EM SUA FESTA DE 60 ANOS DE MILITÂNCIA

superfície aqueles que não precisaram entrar na clandestinidade e o contato com essas pessoas era perigoso, por conta que a polícia vigiava cada passo de nossos familiares e amigos.

Depois ficamos presos e fomos torturados, eu e o Ibrahin nos encontramos novamente no voo do Hercules 56, que nos levou para o México, dois meses depois fomos para Cuba, onde vivemos um ano e meio. Dalí, cada um seguiu um caminho diferente, o Zé foi para a Europa e eu voltei para o Brasil, até que nos reencontramos já no período da anistia.

**Jorge Nazareno**, atual presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e Região Por conta de a greve de 68 ter sido uma ação que representou muito mais do que uma manifestação reivindicatória, mas sim um ato de contestação a ditadura militar, José Ibrahin, com 23 anos a

época, e toda a jovem diretoria do Sindicato, deixam o legado de que quando a juventude se une para ser protagonista de mudanças na sociedade, eles dão importantes contribuições para o país.

Hoje a realidade é outra, é menos difícil se mobilizar do que naquele período de ditadura, mas é importante e fundamental para qualquer ação a ousadia da juventude. Foi isso que o Ibrahin e toda aquela diretoria mostrou e deixa como exemplo para as gerações futuras. A ousadia e o poder que o jovem tem nas mãos.

**Dona Marisa Letícia e Luiz Inácio Lula da Silva** - Em nota publicada no site do Instituto Lula, o ex-presidente da república e sua esposa lamentaram o falecimento sindicalista e ressaltaram a importância de sua de sua ação, em 1968, para a organização da classe trabalhadora na época. “Ibrahin defendeu seus ideais, enfrentou a prisão e o exílio”, ressalta a nota.

Lula destacou também que Ibrahin teve uma vida dedicada a classe trabalhadora e a organização do movimento sindical brasileiro. “De volta ao Brasil, ele ajudou a fundar o PT e seguiu militando no movimento sindical até o fim de sua vida”.

**Carlos Ibrahin (filho)** - Meu pai foi uma pessoa que defendeu seus ideais acima de qualquer coisa, mas sempre foi uma pessoa amorosa. Um grande amigo meu, um verdadeiro parceiro.

Ter pais que foram personagens históricos, como eu tive, é um privilégio de uma pessoa em um milhão. Como personagem histórico, meu pai teve uma grande importância na construção do Brasil do século XX e XXI.

Creio que se não fosse 1968 e a ousadia da direção do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, talvez a ditadura durasse muito mais tempo, pois aquela ação resultou na ruptura efetiva entre a sociedade e o governo. Nesse cenário que inspirou a classe trabalhadora e os diversos

movimentos sociais, meu pai foi um grande símbolo de enfrentamento a ditadura militar.

**Fabio Colella** – Meu relacionamento com o Ibrahin era como de um pai para um filho, creio que a greve de 1968 foi o principal ato para a abertura da democracia no nosso país, por contada coragem inspiradora daqueles jovens sindicalistas liderados por José Ibrahin.

**Alexandre Gavriloff** – Lembrança de 1978: os exilados retornavam e com eles também José Ibrahin que foi morar em Presidente Altino, juntamente com sua esposa e filho Eduardo, nascido em terras longínquas. Acometido por uma gravíssima pneumonia ardia em 40° de febre. Chegou à notícia ao Gabinete do Prefeito que nenhum médico tinha coragem de atender o revolucionário, pois temiam represálias por parte da ditadura. Na ocasião, o médico Celso Giglio, diretor Superintendente da FUSAM (Fundação de Saúde do Município de Osasco) cuidou da pneumonia do Zé com uma dedicação própria dos que juraram a Hipócrates. José Ibrahim que estava quase agonizante abandonado numa humilde casinha de Pre-



IBRAHIN DURANTE REUNIÃO NA OIT (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO)

sidente Altino viveu mais 35 anos. Pouca gente sabe desse episódio, porém achei que era o momento de ser contado.

**José Dirceu** – Em seu blog, o ex-ministro Chefe da Casa Civil lamentou a morte de Ibrahin e expressou seu respeito e admiração ao homem que dedicou toda a sua vida a política e a classe trabalhadora. Dirceu relembrou o momento em que ele, Ibrahin e mais 13 presos políticos foram banidos e exilados em 1969, pela ditadura militar, em troca da libertação do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, sequestrado pela ação revolucionária. “Podíamos nem estar no mesmo grupo político ou partido, mas estivemos sempre na militância de esquerda. Companheiro de lutas a quem respeito”.

**Gabriel Ibrahin (filho)** - Mesmo estando na presença diária do meu pai, passei a ter mais consciência do passado dele nos últimos anos, contudo eu já desde pequeno eu ouvia as conversas ou via meu pai dando entrevistas, mas como ele era muito simples e estava tão próximo, a noção de quem foi José Ibrahin foi chegando aos poucos.

O orgulho que tenho dele é maior a cada lembrança e memória, como pai ele deixa o exemplo do que é viver melhor, de simplicidade, do valor das pequenas coisas, a perseverança de sempre correr atrás dos objetivos e por mais difícil que seja a situação juntar forças para continuar lutando. Como homem político, a maior lição que ele me deixa é que o tempo não para e necessidade da busca por uma vida melhor.

**Elena Vilela Martins (esposa)** - Tenho muito orgulho de ter convivido maritalmente com o Zé Ibrahin por quase 30 anos! Todos os que o conheceram sabem o quão agradável era desfrutar um bom papo ou uma boa comida com ele. Homem culto e vivido, com uma memória invejável, lembrava-se de fatos e de nomes de antigos companheiros sem pestanejar. Porém dos duros momentos vividos na tortura, quase não falava. Eu sempre me admirava como após tantos momentos frente a frente com a morte pode manter-se tão sereno e equilibrado até o fim. Sua sabedoria o levava muitas vezes a resolver conflitos e fazer avançar muitas lutas. E propor novos caminhos. Tenho certeza que fará muita falta não só nos nossos corações, como nesse imbróglio político que nossa nação se encontra.

Creio que ele deixa uma importante lição para as próximas gerações, principalmente a da lucidez, tolerância, conhecimento de causa, sabedoria para reconhecer o momento certo para agir e, sobretudo persistência para nunca desistir, mesmo nos piores momentos!

Por isso teve a passagem mais abençoada: partiu dormindo, em uma das melhores fases da sua vida! Que estejas na Luz, meu amor, paizão de seus filhos, amigo de muitos e nos ajude de onde estiver!



## A VISÃO DE UMA FAMÍLIA DEDICADA À LUTA DAS CAUSAS OPERÁRIAS

“Quando aconteceu o sequestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick e o exílio do Zé, meu pai achou que ele foi muito ‘macho’”, explicou Therezinha Ibrahim Pocolo, irmã do líder sindical.

Caçula de 11 irmãos, José Ibrahin desde menino se indignava com a desigualdade, tanto que aos 14 anos de idade, organizou a primeira comissão de fábrica que existiu no país.

Segundo Therezinha, a família ficou muito contente quando Zé Ibrahin venceu as eleições para a presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco. “O Zé dizia que não era certo existir tanta gente pobre, por isso precisávamos lutar para melhorar nossos salários”.

### Exílio

Apesar de felizes, por conta da luta em prol da classe trabalhadora que o caçula encampava, a família Ibrahin passou por momentos de muita tristeza, principalmente na época em que José Ibrahin ficou preso e, conseqüentemente, exilado.

Dos 10 anos, em que viveu fora do Brasil, por aproximadamente seis anos o sindicalista ficou sem manter contato com seus familiares. “Só tínhamos notícias quando minha mãe pode visitá-lo, no Chile e na Bélgica, fora isso os militares não permitiam que existisse algum tipo de contato”, relata dona Therezinha.

Sua chegada ao Brasil, em 1979, ficou marcada pela quantidade de pessoas, cerca de cinco mil, que o aguardavam nas dependências do aeroporto de Viracopos, em Campinas. Segundo Therezinha foi um dia em que não sobrou um só lanche ou bebida em todo o aeroporto, tanto que os funcionários se questionavam sobre quem iria desembarcar naquele momento, já que não havia registro de nenhuma celebridade chegando. “Quem está chegando é nosso irmão, Zé Ibrahin, dissemos”, explica a irmã do sindicalista.

Ao desembarcar, Ibrahin ficou na sala da Polícia Federal sendo interrogado por mais de 5 horas e ao sair de lá, ele subiu no capô de um carro e disse: “Meus irmãos, meus amigos, continuaremos essa luta pela mesma causa!”, lembra.

### Uma vida dedicada à classe trabalhadora

“Tenho muito me orgulha ter o Zé como irmão, pois quantas coisas aconteceram depois que ele teve a coragem de enfrentar a ditadura militar e realizar a greve, em 68. Ele não era político, mas sim um líder sindical que fez muitas coisas boas e lutou pelo seu país”, conclui Therezinha.



# IBRAHIN: UM EXEMPLO DE DEDICAÇÃO



**JOSÉ IBRAHIN**

**O** Ibrahim foi uma pessoa muito especial que tinha carisma, tanto que ainda muito jovem presidiu um dos mais importantes sindicatos do Brasil, o dos Metalúrgicos de Osasco e, ainda num período de muita tensão, por conta da Ditadura Militar, promoveu a primeira grande greve do país.

Um homem de coragem que visionou, em 1968, 10 anos antes das manifestações que ocorreram no ABC em 1978 sinalizando o fim do regime militar, que somente com pressão e objetividade conquistaríamos o restabelecimento democrático no Brasil.

Por isso, Ibrahim foi preso e torturado, em 1969, viveu 10 anos no exílio e quando voltou ao Brasil, em 1979, ajudou na fundação de importantes entidades, como a Força Sindical, onde as exerceu o cargo de Relações Internacionais.

O Zé foi uma pessoa conhecida no mundo todo por sua capacidade de articulação, bagagem cultural, coragem e visão tanto dos problemas

nacionais quanto os internacionais. Então ele cumpriu um papel importante como Relações Internacional da Força Sindical, projetando a central mundialmente.

Como dirigente do Sindicato dos Comerciários de São Paulo, juntamente com o Ibrahim, em 1991, eu participei da construção da Força Sindical. Depois ele foi trilhar outros caminhos com o companheiro Alemão, na SDS (Social Democracia Sindical) e em 2007 nossos caminhos voltaram a se cruzar na UGT, onde com sua percepção, seu equilíbrio e paciência teve papel fundamental na construção desta que é uma das maiores centrais sindicais do país.

No ponto de vista político partidário, José Ibrahim contribuiu na formação do novo partido PSD (Partido Social Democrático), em especial para o PSD Movimentos, pois ele era dotado de capacidade política macro.

Ibrahim foi um exemplo não só para mim, para a UGT ou para o PSD, mas para todo o Brasil. Foi um homem que deixa como legado toda sua determinação, superação, tolerância e paciência.



**RICARDO PATAH,**  
presidente da União Geral dos Trabalhadores - UGT

## EXPEDIENTE:

Pesquisa e texto: Fábio Ramalho

Artes e diagramação: Antonio Laudate

Edição: Mauro Ramos

